

Manoel de Barros: inventário jornalístico e imaginário

Gustavo Castro Silva

Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Brasília, DF, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7126-6947>

Guilherme Mazui Roesler

Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Brasília, DF, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3348-7168>

Resumo

Este artigo aborda o uso do inventário na pesquisa sobre a presença e a relação do poeta Manoel de Barros (1916-2014) com o jornalismo impresso. O acervo formado reuniu 1.848 registros de mídia publicados entre 1928 e 2024 por 126 jornais e revistas, com destaque para veículos do Rio de Janeiro e São Paulo. Apoiado pelo método complexo, o arquivo reuniu rastros dispersos, atualizou a crítica cultural do escritor, permitiu avaliar a evolução do imaginário do poeta na mídia, preservou informações de memória e incentivou novas abordagens para descrever e compreender Manoel de Barros. O inventário se mostrou uma ferramenta eficiente para execução de um estudo e oferece subsídios para pesquisa biográfica e outras investigações a respeito de Manoel de Barros.

Palavras-chave

Manoel de Barros; inventário; jornalismo; imaginário; biografia

1 Introdução

A biografia jornalística, sociológica e histórica está baseada na coleta e organização sistemática de dados verificáveis e, de modo geral, podemos chamar de inventário biográfico o conjunto de atividades relativas à preservação da memória e da trajetória de uma pessoa, capaz de fornecer visão abrangente de sua vida por meio da reunião de documentos. Nesse sentido, o inventário biográfico busca reunir cartas, fotografias, entrevistas, testemunhos, depoimentos, obras, em um trabalho de campo próprio do ofício biográfico e que permite o cadastro e sistematização das informações e a publicação e divulgação dos resultados.

Foi com este espírito que, entre 2022 e 2024, formamos um inventário de entrevistas e notícias de jornais do poeta Manoel de Barros (1916-2014), que mapeou a presença do autor

na imprensa escrita e sua evolução na memória cultural brasileira. Catalogamos 1.848 registros entre notícias, reportagens, notas, entrevistas, perfis, textos de opinião, em 126 jornais e revistas, um material publicado entre as décadas de 1920 e 2020. O acervo coletou, detalhou e organizou um conjunto de imagens, fragmentos, rastros, hologramas que alimentaram o imaginário e a memória de Manoel. O poeta ficou conhecido por meio destes mesmos periódicos como um escritor encaramujado, erudito e adorador da natureza, um artista nascido em Cuiabá (MT), criado em uma fazenda no Pantanal, que se tornou advogado no Rio de Janeiro (RJ), perambulou por Nova York e virou pecuarista ao se estabelecer entre a Nhecolândia e Campo Grande (MS). Ele era um “[...] advogado de formação, fazendeiro por herança da família e poeta de profissão”, segundo Mirelle de França em *O Globo* (2008, p. 10).

O levantamento nos apresentou questões, entre as quais: de que modo um inventário pode contribuir para produzir e compreender a construção do imaginário e da memória de um indivíduo? Neste artigo analisamos o inventário de imprensa como método de pesquisa biográfica, avaliando a funcionalidade enquanto ferramenta de organização de rastros midiáticos. Também refletimos sobre o potencial para a produção de interpretações, faculdades úteis para estudos biográficos e confecção de acervos de memória cultural.

Manoel se notabilizou pela obra que driblou a rigidez da gramática, explorou significados, fez neologismos e utilizou memórias da infância, cenas do cotidiano, referências do Pantanal, coisas e seres pequenos. O autor morreu em novembro de 2014, aos 97 anos, querido por leitores, premiado e celebrado na imprensa. Ele publicou livro de estreia em 1937, mas só obteve reconhecimento de crítica e mídia a partir de meados da década de 1980. Seu nome se consolidou como um dos principais poetas contemporâneos do país, autor de obras como *Livro de pré-coisas*, *O guardador de águas*, *O livro das ignoranças*, *Livro sobre nada*, *O fazedor de amanhecer*, entre outros.

Nosso inventário da mídia teve dois objetivos, um concluído e outro em andamento. O objetivo concluído redundou em uma dissertação acadêmica e o em andamento, um apoio à pesquisa biográfica do poeta. O arquivo sobre Manoel se mostrou útil a uma pesquisa guiada pelo pensamento complexo (Morin, 2008; 2011), religando múltiplos rastros dispersos a fim de compreender fenômenos. Neste artigo, concentramos a reflexão no inventário enquanto método e instrumento analítico. O inventário é um dos formatos de arquivo que agrupa dados do passado em um repositório para serem consultados (Derrida, 2001). Conforme Assmann (2011), os arquivos salvam itens do apagamento e oferecem subsídios para que a visão do que ocorreu no passado seja construída no presente. Para Cunha (2004), os arquivos são repositórios de memórias pessoais e coletivas, que podem e devem ser empregados no

exercício de compreensão dos contextos simbólico e social de produção de narrativas sobre acontecimentos e personagens.

Seguindo o que Alberca (2021, p. 174) afirma das biografias, gênero das histórias de vidas no qual “[...] conhecemos um homem por meio de outro”, Manoel foi apresentado pela mediação de jornalistas, que foram catalogados no inventário, o que viabiliza ao pesquisador situar o contexto de produção do conteúdo. Assim, um inventário de mídia impressa revela o que se falou e se pensou do poeta, assim como o que ele falou sobre si, sua obra, seu fazer estético, meio artístico e contextos social, cultural e econômico.

O jornalismo recorta e relata partes da realidade, elabora e produz versões de acontecimentos seguindo técnicas de construção da notícia, percepções e interesses dos profissionais e das empresas de mídia. O relato publicado afeta o olhar do público, alimentando uma bacia semântica que influencia os imaginários (Silva, 2006). Compreender a lógica de produção e circulação dessas narrativas é pertinente para analisar a sedimentação da memória biográfica no espaço público. Ao incentivar abordagens mais complexas e facilitar checagens, o inventário pode influenciar o imaginário social e a memória coletiva.

Para dar conta desses aspectos, organizamos o artigo em três partes. Na primeira, apresentamos o processo de constituição do inventário e discutimos seu enquadramento teórico-metodológico. Em seguida, abordamos três perfis, três imagens/leituras preferenciais sobre Manoel que identificamos a partir da coleta e análise de material de imprensa: poeta-caramujo (timidez), poeta rosiano (fã e comparado a João Guimarães Rosa) e poeta das infâncias (olhar infantil). A análise evidenciou a recorrência de imagens e perfis na imprensa, indo além do epíteto de poeta do Pantanal, sugerindo que o inventário funciona também como ferramenta analítica para compreender processos de construção de imaginários.

Ao final, argumentamos que o inventário se configura como método de pesquisa capaz de preservar, organizar e reinterpretar a memória de personagens públicos, contribuindo para estudos biográficos e para investigações sobre imaginários sociais. Trata-se de ferramenta que fornece subsídios para checar dados de narrativas consolidadas e para buscar novos e mais sofisticados olhares, enfrentando a multiplicidade de rastros, buscando ordem em meio ao caos e viabilizando nossa pesquisa.

2 Metodologia

Mapeamos a presença de Manoel de Barros no jornalismo impresso por meio de um arquivo digital do tipo inventário, formado por 1,8 mil registros publicados por jornais e

revistas (Castro; Roesler, 2024). Um arquivo, conforme Derrida (2001), protege itens do esquecimento e preserva informações para que elas sejam consultadas e reinterpretadas no futuro, incentivando novas leituras. Reunir peças em um repositório, físico ou digital, não enclausura rastros em definitivo porque, ao preservá-los e organizá-los, os dados poderão ser acessados no presente. Assmann (2011, p. 25) segue linha similar: “[...] o arquivo não é somente um repositório para documentos do passado, mas também um lugar onde o passado é construído e produzido”. O entendimento se aplica à preservação de memórias de sujeitos e análises destes fragmentos, a exemplo do que ocorre em um trabalho biográfico.

Maciel (2009, p. 30, 16) define enciclopédias, coleções, listas e inventários como “[...] formas com que buscamos organizar a ordem desordenada da vida” e pontua que “[...] classificar é, antes de tudo, escolher entre outras ordenações logicamente possíveis”. Cada formato tem nuances no tratamento dos dados e se liga à herança enciclopédica que, no Ocidente, remete à Antiguidade e ao empreendimento de classificações de Aristóteles.

A enciclopédia ganhou impulso no século 18, sobretudo na França, com a pretensão de ser um repositório completo dos saberes, fonte de registros de memória e explicações sobre coisas, seres e acontecimentos. Com o avançar de novos olhares e métodos, a prática chegou à pós-modernidade sem o caráter totalizante, apostando em um modelo de conhecimento fragmentado em blocos. Para Maciel (2009, p. 16), agrupar, catalogar, classificar, dispor, dividir, enumerar, etiquetar, ordenar são “[...] imperativos para nossa necessidade de fixar as ordens que nos permitam sobreviver ao caos da multiplicidade e da diversidade”. A peculiaridade é oportuna em uma pesquisa guiada pelo pensamento complexo de Morin (2008), cujo método pensa informação (computo), comunicação (cogito) e conhecimento (complexus) na perspectiva da religação dos saberes.

Morin (2011) explica que *complexere*, no latim, oriundo do grego *complexus*, significa “o que é tecido junto”. “A complexidade apresenta-se com os traços inquietantes da confusão, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza... Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos”, afirma (Morin, 2011, p. 13). A complexidade, contudo, não busca simplificações. Ela trata da união de acontecimentos, ações, interações, acasos; reúne o que está disperso; busca ordenar e clarificar fenômenos e auxiliar na busca de soluções.

O inventário é um formato de arquivo, que se aproxima da coleção e se diferencia da enciclopédia nos limites de sua circunscrição. O inventário não tem o objetivo de reunir todos os saberes e sua metodologia se aproxima da coleção. Maciel (2009, p. 30) define o inventário como “[...] espécie de levantamento exaustivo dos itens que integram um dado conjunto ou acervo”, enquanto a coleção é mais específica porque agrupa itens que mantêm relação por

terem características afins. Para a autora, diferentes coleções podem integrar um inventário, entendimento que empregamos na pesquisa sobre Manoel de Barros¹.

A dinâmica do inventário e sua vocação para agrupar itens de diferentes origens dialogam com o método complexo que utiliza visão inter e transdisciplinar para conectar saberes e compreender fenômenos, observados em um sistema dialógico, recursivo e hologramático, com as partes no todo, e o todo nas partes (Morin, 2011). A pesquisa sobre o poeta, em sua complexidade, capturou rastros e os organizou em um arquivo, cujo material foi analisado sob risco de distorções, um incômodo permanente na pesquisa. Derrida (2001, p. 21-23) alerta para “pulsão de morte”, a face “arquiviolítica” de um arquivo: ao mesmo tempo em que preserva, o repositório lida com a possibilidade de destruição ou de disfarce/maquiagem da realidade para atender interesses. Escolhe-se o que preservar e o que será esquecido, ação que impacta na preservação das memórias individuais e coletivas e na forma como indivíduos, grupos, locais e épocas serão compreendidos no futuro.

Halbwachs (2006) trabalha com os conceitos de memória individual e coletiva, esta compartilhada por indivíduos inseridos em grupos sociais. Um conjunto de memórias individuais pode formar uma memória coletiva, que se distingue da memória histórica e se mantém viva enquanto determinado grupo sobreviver. O risco de esquecimento está na desestruturação deste grupo, que encerra a passagem das lembranças. O tempo permite que feitos individuais e coletivos se apaguem. Por isso, a necessidade de preservar rastros de uma existência, função cumprida por um inventário jornalístico.

A imprensa é uma das plataformas na qual fragmentos de vidas são registrados (Arfuch, 2010). Medina (2000, p. 34) frisa que o jornalismo, devido a sua presentificação e periodicidade curta, “[...] informa aproximações mais superficiais, sujeitas a erro”, mas salva o “presente histórico da morte”. A pesquisa científica, por sua vez, tem o papel de estabelecer métodos capazes de utilizar essas referências em análises posteriores aprofundadas. Assmann (2011, p. 438) observa que “[...] não é mais a preservação da memória, mas a escolha dos valores de recordação e cuidado que ocupa posição central” nas sociedades. Escolher o que será preservado e o que será dado acesso é uma relação de poder, pois arquivos funcionam para memórias funcionais – documentos e peças que comprovam ocorrências do passado e relações de poder – e memórias de armazenamento – fontes para fundamentar o conhecimento

¹ Coleções que integram o inventário: Gleba Expositiva Manoel de Barros; inventário bibliográfico de Béda; Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional; O Globo; Folha de S. Paulo; O Estado de S. Paulo; Valor Econômico; Zero Hora; família Barros; Casa Manoel de Barros; Museu Casa do Dr. Gabi; Correio do Estado; jornalistas e repositórios digitais com matérias de jornais.

histórico de uma cultura. Tal esforço arquivístico atua em permanente busca de informações e reconhece que “[...] jamais poderemos ter um saber total” (Morin, 2011, p. 69).

Cabe ao arquivista, pontua Assmann (2011, p. 381), a “[...] tarefa do cuidado da memória cultural” em um contexto de proliferação de rastros em diferentes plataformas. Esse cuidado é visto a partir dos anos 1980 com a obra de Manoel de Barros, com outros inventários realizados antes do nosso. O novo levantamento se inseriu em uma tradição iniciada por Afonso de Castro (1991) em sua dissertação de mestrado, seguido por Kelcilene Silva (1998), Marcelo Marinho (1997), Walquíria Béda (2002) e Rauer Rodrigues e Kelcilene Grácia-Rodrigues ([2011]). Esses levantamentos têm diferentes enfoques, mas se entrelaçam por buscarem compor dados relativos à fortuna crítica do poeta.

Em 2002, Béda publicou um inventário que reuniu 549 textos entre teses, dissertações, monografias, artigos, ensaios, resenhas, entrevistas, reportagens, correspondências e homenagens publicados entre 1942 e 2002. Metade do material era jornalístico e muitos dos registros replicaram rótulos de “poeta do Pantanal”, “Guimarães Rosa da poesia”, “poeta das coisas ínfimas” e “poeta do chão” (Béda, 2002, p. 38). Béda, ampliou material reunido anteriormente por Marcelo Marinho na Gleba Expositiva Manoel de Barros, que reproduziu matérias jornalísticas publicadas entre as décadas de 1940 e 2000. Partindo dos acervos dos dois autores, entre 2022 e 2024 engendramos um novo inventário, em formato digital e restrito a jornais e revistas, a fim de mapear a presença e a relação do escritor com o jornalismo impresso e apoiar uma apuração biográfica.

Para encontrar itens que ficaram de fora das coleções de Béda e Marinho e acrescentar a produção das últimas décadas, pesquisamos em acervos digitalizados de jornais e da Biblioteca Nacional; revisamos artigos de fortuna crítica; e contatamos veículos e jornalistas que publicaram registros. Tivemos acesso ao arquivo da família do poeta, o que permitiu refinar a busca, sobretudo de entrevistas. A pesquisa documental (Severino, 2013), com garimpo em diferentes coleções, nos permitiu localizar, catalogar e arquivar reproduções em formato digital de 1.848 registros publicados por 126 veículos entre 1928 e 2024².

Não tivemos a pretensão de reunir todos os textos de e sobre Manoel em quase cem anos. Buscamos o maior número de itens inspirados por Morin (2011, p. 7), que reconhece a “[...] incompletude de qualquer conhecimento” e a permanente busca por informações. A quase totalidade do material foi publicada no Brasil, com exceções do jornal português *Público* e da revista espanhola *El Paseante*. O poeta apareceu nas cinco regiões do Brasil, com predomínio

² Separamos os 1.824 registros conforme as décadas de publicação: 1920: três registros; 1930: cinco; 1940: 28; 1950: 13; 1960: 47; 1970: 15; 1980: 114; 1990: 362; 2000: 558; 2010: 637; 2020: 66.

do Sudeste. *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo* foram os veículos com maior número de menções ao autor, citado também por títulos que saíram de circulação, como *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Correio da Manhã*, *Manchete* e *O Pasquim*.

Para enfrentar a “mistura de ordem e de desordem” de um sistema complexo, que lida com milhares de fragmentos (Morin, 2011, p. 35), adotamos a rotina da documentação, que passou pela coleta e sistematização dos dados, a fim de permitir as análises (Severino, 2013). Segundo Derrida (2001), um arquivo não existe sem um espaço instituído para si. Assim, as reproduções das páginas de jornais e revistas foram salvas em formato digital (PDF ou JPG³) e distribuídas em pastas conforme as coleções de origem. Os itens da Biblioteca Nacional e de jornais/jornalistas foram agrupados em uma pasta, dividida em subpastas por décadas.

Em seguida, fizemos a descrição do material item a item. Maffesoli (1998, p. 123) considera, metodologicamente, a descrição uma forma eficiente de identificar o que constitui a “especificidade” de um grupo de dados ao estabelecer ligações e comparações. Colocamos em um arquivo de texto as sinopses dos registros, partindo dos mais antigos para os mais recentes. Tais registros foram classificados em categorias por meio de uma planilha com células para situar título, linha de apoio, veículo, unidade da Federação, década, data, seção, contexto, autoria, formato, aspectos biográficos citados e considerações sobre a obra⁴.

A estratégia de pesquisa atualizou a fortuna crítica do poeta, checkou passagens biográficas e identificou uma visão mais ajustada das imagens que o jornalismo impresso projetou do escritor ao longo das décadas. Isso foi feito mediante análises micro e macro do material, o que assegurou uma amostra representativa da presença de Manoel de Barros nos jornais e revistas. Foi um trabalho minucioso, descritivo e interpretativo, em que as peças formavam um mosaico e o mosaico, um todo complexo. Justamente por isso, e para enfrentar o caráter desordenado, múltiplo e difícil da tarefa, optamos pelo método complexo, que assume para si o desafio de conectar peças e conhecimentos dispersos (Morin, 2011). A massa de dados contidos no inventário permitiu refletir sobre a memória de Manoel e da poesia brasileira, bem como a respeito das imagens-ideias e ideias-forças ali coletadas, que retrataram o artista e o imaginário social da imprensa a ele associado.

³ As reproduções foram nomeadas conforme veículo, data e página. Exemplo: o arquivo FSP-04-04-2002-E3 corresponde ao registro publicado pela Folha de S. Paulo na edição de 4 de abril de 2002, página E3.

⁴ Dados de família; citações do Pantanal; militância comunista; viagens ao exterior; gostos artísticos; reconhecimento tardio; timidez; incentivadores; comparações; adjetivos usados para descrever Manoel; tom da crítica; referências à natureza, andarilhos, coisas pequenas, olhar infantil e inovações linguísticas.

3 Perfis e imaginários do poeta

O inventário de mídia impressa de Manoel de Barros contribui para a preservação de sua memória, seja na produção de narrativas biográficas, de crítica cultural ou na oferta do arquivo para consulta de outros pesquisadores. O interesse pelo escritor na pesquisa acadêmica data dos anos 1980, período que coincide com o seu reconhecimento tardio pela imprensa, em especial os jornais de grande circulação do Rio de Janeiro e São Paulo. O artista acumulava cinco décadas de carreira literária, com sete livros publicados e dois prêmios nacionais, porém, ainda não era um sucesso de críticas e vendas. Na imprensa e na academia eram esporádicas as menções capazes de gerar uma memória consistente.

Jornais e revistas apresentaram, no transcorrer de quase um século, uma gama de imagens com diferentes ângulos e frequências. Por meio de notícias, reportagens, entrevistas, resenhas, artigos, colunas, notas e fotografias, além de textos de Manoel, os periódicos divulgaram descrições preferenciais. A trajetória vista a partir dos rastros inventariados revela “[...] hologramas, imagens-ideias ou ideias-forças”, que derivam de “[...] cruzamentos de dados, imbricamentos e linhas de fuga” (Castro, 2018, p. 8). O exercício influencia o imaginário do personagem e a forma como ele é e será lembrado, permitindo novas interpretações e a atualização da memória mediante outros olhares e a coleta de novas informações.

No caso de Manoel de Barros, graças aos mais de 1,8 mil registros catalogados no inventário, foi possível se aprofundar e destacar imagens distintas da mais conhecida e citada pela mídia e analisada na academia: a de poeta do Pantanal. Esse rótulo serviu para diferenciá-lo de outros escritores, agregou um valor-notícia (Traquina, 2008) e teve lastro factual. Criado em uma fazenda no Pantanal de Mato Grosso do Sul, o poeta se tornou um grande pecuarista na região, que lhe serviu de inspiração – seres, coisas, paisagens e causos do bioma constaram em seus poemas.

Manoel comentou, muitas vezes, que não lhe agradava o rótulo regional. “Não tenho em mente trazer contribuição para o acervo folclórico do Pantanal, meu negócio é com a palavra”, declarou a Thais Costa no perfil “O poeta do Pantanal”, publicado em 1989 na revista *Manchete* (Costa, 1989, p. 70). Apesar disso, ele se beneficiou do epíteto. Catalogamos no inventário 307 registros de jornais e revistas com menções gerais ao Pantanal, dos quais 79 apresentaram Manoel como poeta/autor/escritor do Pantanal ou pantaneiro.

O inventário também permitiu detectar outras imagens de Manoel divulgadas e reforçadas pela imprensa. Identificamos enfoques que definimos como perfis de poeta rosiano, poeta-caramujo e poeta das infâncias. Escolhemos a noção de perfil por acolher,

simultaneamente, as ideias de biografia e de jornalismo, e por ser uma noção cúmplice à trajetória do protagonista e sua história de vida (Lima, 2002; Vilas-Boas, 2014).

3.1 Poeta rosiano

O inventário mostra que Manoel de Barros foi comparado e incentivou associações a João Guimarães Rosa, autor de *Grande sertão: veredas*. A relação apareceu na mídia no final dos anos 1980, quando o poeta furou a bolha dos jornais e revistas de grande circulação. Em dezembro de 1990, Frederico Barbosa elogiou o poeta, na *Folha de S. Paulo*, por buscar uma sintaxe elaborada, combinada a palavras precisas “[...] que lembram em muito a prosa/poesia de Guimarães Rosa” (Barbosa, 1990, p. 7). Em 1994, Cláudio Rodrigues, no *Jornal do Brasil*, enalteceu Manoel por transcender “[...] a geografia e a palavra, recriando vocabulário como um Guimarães Rosa da poesia” (Rodrigues, 1994, p. 8). O rótulo “Guimarães Rosa da poesia” foi repetido por décadas, com exemplos na revista *Poesia Sempre* (Secchin *et al.*, 1999) e no jornal *O Globo* (Ventura, 2006).

Segundo o material reunido no inventário, Rosa foi o autor mais vezes mencionado ao lado de Manoel de Barros – 104 registros de jornais e revistas. O poeta, que também apostou na sintaxe do homem rural em seu texto artístico, se apresentou como admirador do romancista. “Reivindico o lugar de leitor número um de Guimarães Rosa”, disse ao *Estado de Minas* (Andrade, 1998, p. 5). A capacidade de Rosa ao explorar o sentido das palavras em um texto com a voz do homem rural chamou a atenção de Manoel, que contou, em 2010, a Daniel Piza (2010, p. 8), ter lido *Sagarana* e ficado “roseado”. A coletânea foi lançada em 1946, dez anos antes de o poeta afirmar à revista *Terra e Gente* (Quatro [...], 1956, p. 109) que *Com o vaqueiro Mariano* era uma “[...] pequena obra-prima do estilo, que fixa com grande beleza e simpatia humana, o tipo de nosso vaqueiro do Pantanal”.

Manoel também espalhou relatos – não comprovados – de encontros com o romancista no Pantanal e no Rio de Janeiro. Citado com datas diferentes entre o final dos anos 1940 e o começo dos 1950, o encontro no Pantanal foi mencionado em 47 oportunidades, das quais 17 em entrevistas do poeta. O contato, no entanto, foi uma invenção do autor, que tinha por hábito criar ou distorcer casos, o que condiz com os versos: “tudo que não invento é falso” e “[...] noventa por cento do que escrevo é invenção; só dez por cento que é mentira” (Barros, M., 2010, p. 345, 389). *Jornal do Brasil*, *Veja*, *Correio Braziliense*, *Folha do Povo*, *Folha de S. Paulo*, *Caros Amigos* e *O Globo* são alguns dos veículos que mencionaram tais encontros.

Em 1989, *O Estado de S. Paulo* (Borges, 1989, p. 12) descreveu Manoel como “espécie de guia pantaneiro” de Rosa. Em uma entrevista por cartas, ele descreveu à revista *Bric-a-Brac* (Borges; Turiba, 1989, p. 43) um diálogo: “E passarinho, Manoel? Rosa me especulava por trás do couro, como quem sonda urubu. Queria saber de um tudo. De avoador, eu disse, só urubu, garça, *cracará* – esses pássaros grandes”. O poeta usou entrevistas para reforçar o imaginário. “Fui amigo do Rosa. Temos coisas em comum. A gente tinha uma brincadeira: arrombar as gramáticas”, declarou a Míriam Botelho (1998, p. 1), no *Diário de Cuiabá*.

Jornais e revistas citaram Rosa a fim de avaliar Manoel. Em 1989, a revista *Manchete* o colocou entre os admiradores do poeta. Luís Araújo Pereira, em *O Popular* (Pereira, 2002), mencionou a comparação para ilustrar o prestígio do artista. Eduardo Sterzi anotou em *Zero Hora* que, “[...] como na obra de Rosa, a linguagem de Manoel de Barros se desarticula e se reinventa em busca da fala pantaneira” (Sterzi, 1996, p. 12). Entendemos que a relação ampliou o valor-notícia de Manoel, sobretudo em momento de descoberta tardia de sua obra, auxiliando a justificar o espaço que ele recebeu na imprensa.

3.2 Poeta-caramujo

Outra imagem que a mídia escrita explorou foi a de Manoel como um homem tímido, recluso, sábio e visionário. “Esquivo e casmurro” (Lobato, 1990, p. 1) e autor que “[...] buscou exílio no mundo dos bichos” (Gonçalves Filho, 1989, p. 3) foram as descrições usadas por *O Globo* e *Folha de S. Paulo* para tratar do poeta que, em entrevista ao jornal *A Crítica*, reconheceu ser um “tremendo caramujo” (Brambilla, 1986, p. 10).

Manoel não escondia a admiração pelo molusco, citado em 12 livros, entre os quais *Arranjos para assobio*, de 1982, com o poema *Os caramujos-flores*, que inspirou o filme *Caramujo-Flor*, de Joel Pizzini, de 1988. Em 1991, o poeta explicou sua “fixação” a Adélia Maria Lopes, da revista *Nicolau*: os animais são “enrolados”, a espiral da concha “é um símbolo de eterna renovação” e nas escórias é que “o caramujo alimenta as suas fantasias” (Lopes, 1991, p. 4-6). Trata-se de um caso, seguindo as reflexões de Morin (2017, p. 103), no qual arte e estética alimentaram “[...] o imaginário por meio do real e o real por meio do imaginário”.

A timidez do poeta foi abordada em, ao menos, 142 registros catalogados no inventário. O próprio Manoel destacou esse traço em entrevistas e nos relatos de causos. Ele citou a “sengraceira” de temperamento (Borges; Turiba, 1989, p. 35) e disse ser “[...] invencível neste negócio de timidez” (Zappa, 1998, p. 1). Ao jornal *O Estado de S. Paulo* (Castello, 1997, p. 3), afirmou que se considerava “esquizofrênico” por causa da combinação de “timidez excessiva”

e “narcisismo”. Na mesma entrevista, contou que, durante a breve carreira de advogado, vomitou em um processo durante um julgamento. Em outra ocasião, desmaiou quando se preparava para ler um poema em uma rádio. Os episódios foram repetidos por outros jornais e revistas a partir dos anos 1990.

A imprensa já apresentava de forma pontual a timidez antes de Manoel alcançar a fama. Em 1944, Mário Calábria o descreveu no jornal *O Momento*, de Corumbá, como um rapaz “triste”, “solitário”, “baixo”, que usava bigode e óculos de tartaruga, que “nasceu de poesia” e só se importava com o estado poético das coisas (Calábria, 1944, p. 3). Em 1956, a *Tribuna da Imprensa* citou o autor como “[...] uma das mais esquivas figuras da geração de 45, mas uma das mais importantes” (Hoje [...], 1956, p. 3). Em 1969, o *Jornal do Brasil* publicou reportagem que o mencionou como “tímido” e premiado (Araújo, 1969, p. 7). Dez anos depois, em 1979, o escritor relatou a José Octavio Guizzo, na revista *Grifo*, que a “[...] inaptidão para o diálogo que gerou o poeta”, por isso a preferência por se expressar pela palavra escrita. “Se vou falar, uma coisa me bloqueia, me inibe, e eu corto a conversa no meio”, contou (Guizzo, 1979, p. 51).

O perfil de poeta-caramujo contempla faceta exótica abordada nos relatos de processo criativo, com destaque para o pequeno escritório onde Manoel lia, pesquisava em dicionários e escrevia, o “lugar de ser inútil” (Abreu, 2014, p. 1). No cômodo, localizado no segundo piso de sua casa, ele passava as manhãs solitário a anotar frases de “bêbados” e de “crianças” para criar “inutensílios”, “alicate cremoso” e “sanfonas para tocar o erro” (Barros, 1996, p. 6). Manoel apresentou-se como “vagabundo profissional” (Domingos, 2014, p. 6) e “bugre civilizado” (Pen, 2004, E4) e foi chamado “sábio demiurgo” (Costa, 1987, p. 16), “poeta com máscara de filósofo popular” (Grünwald, 1996, p. 4) e “meio santo, meio caracol” (Zappa, 1998, p. 1). Ainda foi descrito como homem que “[...] enxerga beleza nas coisas mais singelas e transforma em palavras o que imagina” (Guimarães, 2014, p. 3) e poeta que ensina “a enxergar o mundo de outra forma” (Soto, 2014, p. 4). Concluímos que o autor alimentou sua imagem exótica, reforçando, assim, sua imagem pública de poeta.

3.3 Poeta das infâncias

O terceiro perfil que extraímos do inventário dá visibilidade ao olhar infantil de Manoel. A presença de crianças e a valorização à forma inaugural como descrevem seres e coisas são elementos da obra barriana desde o começo da carreira, mas o vínculo com a infância se tornou marcante no final da década de 1990 graças aos lançamentos de livros voltados ao público infantil e aos espetáculos inspirados na obra do escritor, entre os quais *Pra Nhá Terra*,

Crianças e Meu quintal é maior do que o mundo. Márcio de Camillo obteve boa cobertura com CD, espetáculo e aplicativo do projeto *Crianças*, no qual musicou poemas de Manoel.

A trilogia *Memórias inventadas: a primeira infância, a segunda infância e a terceira infância* acentuou essa relação. “A eterna infância de Manoel de Barros” foi o título da reportagem de *O Estado de S. Paulo* (Brasil, 2006, p. 12) sobre a coletânea. O alinhamento às crianças foi identificado em 341 registros catalogados no inventário. O poeta citou momentos da infância em ao menos 32 entrevistas e falou sobre o olhar infantil na poesia em outras 44. Jornais exploraram essa marca em títulos, como *O Globo* com “Um poeta em plena infância” (Millen, 1998, p. 6) e “Minha velhice é infantil” (Ventura, 2006, p. 1).

Essa influência da voz da criança apareceu em entrevistas, colunas, resenhas, perfis e reportagens sobre Manoel. “O que me levou a escrever as historinhas foi o desejo de progredir para menino”, explicou o autor a Cláudia Cecília na entrevista “Alma infantil”, publicada no jornal *O Dia* (Cecília, 1999⁵). “Depois de velho, a minha infância voltou”, disse à *Folha de S. Paulo* (Couto, 1996, p. 5). “Como todo velho, sou uma criança nova e, com a memória mais aguda, relembro todos os bons momentos que vivi como menino”, declarou ao *O Estado de S. Paulo* (Brasil, 2002, p. 3).

A imagem do ancião que enaltece em versos a curiosidade e a inocência das crianças é uma das tentativas de leitura preferencial que a mídia escrita fez de Manoel. O poeta seguiu a receita de aproveitar erros gramaticais dos filhos em seus versos. O caçula João, na faixa dos cinco anos, inspirou trechos e fez ilustrações para *Compêndio para uso dos pássaros*, lançado em 1961. “Eu explorei meu filho, de cinco anos. Passava o dia inteiro escutando a conversa dele, porque o menino tinha uma sintaxe torta que me agradava muito”, relatou a José Eduardo Agualusa, na *Público Magazine* (Agualusa, 1994, p. 47).

Exercícios de ser criança, lançado em 1999, deu tração às menções à infância na imprensa. O livro motivou matéria de Dib Carneiro Neto n’*O Estado de S. Paulo* cujo lide destacou que, “[...] depois de 83 anos e dez livros de versos, em que brinca com as palavras com um viço de menino levado, o poeta mato-grossense Manoel de Barros oferece a seus leitores uma obra assumidamente voltada para o público infantil” (Carneiro Neto, 1999, p. 10).

Na mesma entrevista, o autor disse não planejar escrever para crianças, acreditava que seus despropósitos agradavam os pequenos e criticou o uso do diminutivo para atrair os jovens: “Não é preciso escrever casinha, janelinha, portinha, florzinha, só porque o leitor é menor de idade” (Carneiro Neto, 1999, p. 10). Avaliamos que essa relação com as infâncias, ao

⁵ A fonte consultada não é paginada.

final da carreira de Manoel, se tornou tão ou mais relevante do que o rótulo de poeta do Pantanal, um imaginário que se construiu.

4 Considerações finais

A formação de um inventário se mostrou eficiente para executar uma pesquisa a respeito da presença e relação de Manoel de Barros com o jornalismo impresso e garantiu material catalogado para avançar no estudo de sua história de vida e em outras frentes de investigação. Por sua característica de agrupar dados dispersos, tratá-los e disponibilizá-los para consulta, o inventário foi um método propício para a pesquisa biográfica em andamento. O método da complexidade ajudou a enfrentar a desordem de um sistema altamente fragmentado e apostou na hipótese da religação de saberes para investigar o fenômeno.

Como se viu, o inventário foi importante para a compreensão da pesquisa em todas as fases: desde a coleta, passando pela ordenação e sistematização do material, disposto em notícias, narrativas, fotografias, entrevistas, e ao fornecer uma gama de olhares possíveis. Colocamos o arquivo construído à disposição do público por meio de site dedicado ao projeto (Castro; Roesler, 2024). O arquivo visa preservar a memória do poeta e pode ser permanentemente atualizado com a revisão do inventário, a introdução de novos dados, permitindo, por sua vez, a checagem e a comparação com os outros bancos de dados. O acervo sobre Manoel que preparamos pode servir também de apoio a outras pesquisas acadêmicas.

O inventário viabilizou atualizar a crítica cultural de mídia sobre o escritor, inspirada na ideia de fortuna crítica de Carpeaux (1951, p. 12): uma “história das opiniões” sobre um autor, momentos de “glória”, “esplendor” e “miséria”. Esse banco de dados facilitou o mapeamento e a percepção de como se deu a construção e a evolução do imaginário sobre Manoel. Permitiu perceber os olhares distintos para descrevê-lo e o exercício de síntese imagética e biográfica que se materializou nos perfis elaborados pela imprensa, representados nas imagens de poeta encaramujado, rosiano e ligado às infâncias.

Os três perfis que destacamos são leituras possíveis de Manoel que se conectam à de poeta do Pantanal. O bioma está no caramujo, na relação com Rosa e na infância, exemplo da natureza hologramática do fenômeno complexo descrito por Morin (2011, p. 74), na qual “[...] a parte está no todo, mas o todo está na parte”. Os perfis influenciaram o imaginário e têm impacto na memória do escritor em um contexto pós-moderno de identidades em permanente construção (Hall, 2015). Segundo Ana Barros (2010, p. 129), o imaginário é mais do que uma coletânea de imagens, pois se trata de um sistema dinâmico que organiza, liga imagens e gera

significados. O jornalismo faz recortes e os compartilha, influenciando no imaginário e na memória, complementando e realimentando o real.

Sem dúvida, outras abordagens são possíveis diante do volumoso material coletado, entre elas podemos citar, a título de conclusão: o poeta do Pantanal, do ínfimo, das ancestralidades, das desimportâncias e da palavra. Concluimos destacando a importância do inventário e estimulando o seu uso para estudos acerca das trajetórias de vida. No caso de personagens com exposição de mídia, a exemplo de Manoel, o inventário coleta dados e visões dispersas, protege os rastros da destruição, auxilia a compreender o poeta e incentiva estudos com diferentes abordagens.

Referências

ABREU, Paulo Renato. Manoel de Barros: 'deixei uma ave me amanhecer'. **O Povo**, Fortaleza, 14 nov. 2014. Caderno especial, p. 1.

ALBERCA, Manuel. **Maestras de vida**: biografias y bioficciones. Málaga: Editorial Pálido Fuego, 2021.

AGUALUSA, José Eduardo. Um poeta no Pantanal. **Público**, Lisboa, 26 jun. 1994. Público Magazine, p. 44-48.

ANDRADE, Jeferson. O homem que é um dialeto. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 5 fev. 1998. Espetáculo/Especial, p. 5.

ARAÚJO, Paulo César. Prêmio literário não tem valor para editoras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 set. 1969. Suplemento do Livro, p. 7.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

BARBOSA, Frederico. Poeta elabora a gramática das coisas inúteis. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 dez. 1990. Letras, p. 7.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Comunicação e imaginário – uma proposta metodológica. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 125-143, 2010a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/rbcc.v33i2.596>. Acesso em: 24 maio 2025.

BARROS, André Luiz. Inutilidades 'impoéticas'. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 mai. 1996. Ideias, p. 6.

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BÉDA, Walquíria Gonçalves. **O inventário bibliográfico de Manoel de Barros ou 'Me encontrei no azul de sua tarde'**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.

BORGES, João. A lírica concisa que vem do Pantanal. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 24 mar. 1989. Caderno 2, p. 12.

BORGES, João; TURIBA; Luis. Manoel Barros. **Bric-a-Brac**, Brasília, p. 34-49, 1989.

BOTELHO, Míriam. Poesia é voar fora da asa. **Diário de Cuiabá**, Cuiabá, p. 1, 2 ago. 1998.

BRAMBILLA, Márcia. Manoel de Barros: sou um tremendo Caramujo. **A Crítica**, Campo Grande, 1 nov. 1986. Moda Guaicurus, p. 10-11.

BRASIL, Ubiratan. Um prêmio para o ócio criativo de Manoel de Barros. **O Estado de S. Paulo**, 1 mai. 2002. Caderno 2, p. D3.

BRASIL, Ubiratan. A eterna infância de Manoel de Barros. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 8 abr. 2006. Caderno 2, p. 12.

CALÁBRIA, Mario. Poeta em Mato Grosso. **O Momento**, Corumbá, p. 3, 12 mar. 1944.

CARNEIRO NETO, Dib. Manoel de Barros lança seu primeiro livro infantil. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 6 nov. 1999. Caderno 2, p. 10.

CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, 1951.

CASTELLO, José. Manoel de Barros faz do absurdo sensatez. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 out. 1997. Caderno 2, p. 1-3.

CASTRO, Afonso. **A poética de Manoel de Barros**. 1991. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1991.

CASTRO, Gustavo. **Em busca de Guimarães Rosa: o processo de construção de uma biografia**. Ecompós, Brasília, v. 22, n. 1, p. 1-14, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.1587>. Acesso em: 24 maio 2025.

CASTRO; Gustavo; ROESLER, Guilherme Mazui. **Acervo de Periódicos Manoel de Barros. Biocom** - Grupo de Pesquisa em Comunicação e Estudos Biográficos. Brasília: UNB, 2024.

CECÍLIA, Cláudia. Alma infantil. **O Dia**, Rio de Janeiro, 1999.

COSTA, Thais. Manoel de Barros: o poeta do Pantanal. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, p. 68-73, 20 maio 1989.

COSTA, Thais. O universo de Manoel, segundo Joel. **Diário da Serra**, Campo Grande, 5 maio 1987. Vivarte, p. 16.

COUTO, José Geraldo. Poesia de Manoel de Barros está de volta. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 fev. 1996. Ilustrada, p. 5.

CUNHA, Olívia Maria Gomes. Tempo Imperfeito: uma etnografia do Arquivo. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 287-322, out. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132004000200003>. Acesso em: 30 jun. 2025.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DOMINGOS, João. Palavras desconstruídas. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 14 nov. 2014. Caderno 2, p. 6.

FRANÇA, Mirelle. Manoel de Barros em versão inédita na TV. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 mar. 2008. Segundo Caderno, p. 10.

GONÇALVES FILHO, Antônio. Manoel de Barros sai do Pantanal por escrito. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 abr. 1989. Letras, p. 3.

GRÜNEWALD, José Lino. Poeta com máscara de filósofo popular. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 set. 1996. Prosa & Verso, p. 4.

GUIMARÃES, Cleo. Imagens da liberdade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 out. 2014. Segundo Caderno, p. 3.

GUIZZO, José Octávio. Manoel de Barros: sobreviver pela palavra. **Grifo**, Campo Grande, p. 50-53, maio 1979.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HOJE nas letras. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 3, 14 maio 1956.

LIMA, Edvaldo Pereira. Histórias de vida em jornalismo literário avançado. **Revista Comunicarte**, Campinas, v. 19, n. 25, p. 93-107, 2002.

LOBATO, Eliane. Poeta de pés no chão. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 jun. 1990. Segundo Caderno, p. 1.

LOPES, Adélia Maria. Manoel de Barros, concerto a céu aberto para solo de poeta. **Revista Nicolau**, Curitiba, p. 4-6, 1991.

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

- MARINHO, Marcelo. Apresentação. **O guardador de inutensílios - Cadernos de Cultura**, Campo Grande, ano 1, n. 1, p. 5, set. 1997.
- MEDINA, Cremilda Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- MILLEN, Mànya. Um poeta em plena infância. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 nov. 1998. Prosa & Verso, p. 6.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MORIN, Edgar. **O método 3: conhecimento do conhecimento**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- MORIN, Edgar. **Sobre a estética**. Rio de Janeiro: Pró-saber, 2017.
- PEN, Marcelo. Retrato do artista quando coisa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 nov. 2004. Ilustrada, E4.
- PEREIRA, Luís Araújo. Poesia de mais, poesia de menos. **O Popular**, Goiânia, 5 fev. 2002. Literatura, p. 2.
- PIZA, Daniel. O poeta que veio do chão. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 mar. 2010. Sabático, p. 8.
- QUATRO autores para onze perguntas. **Terra e Gente: Mato Grosso Ilustrado**, Rio de Janeiro, p. 109, jan. 1956.
- RODRIGUES, Claufe. Versos e visões que perseguem a simples natureza das coisas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 5 fev. 1994. Poesia, p. 8.
- RODRIGUES, Rauer Ribeiro; RODRIGUES-GRÁCIA, Kelcilene (orgs.). Fortuna crítica - Manoel de Barros. **Blog GPLV** - Grupo de Pesquisa Literatura e Vida, Campos Grande, [2011].
- SECCHIN, Carlos; JUNQUEIRA, Ivan; VARGAS, Suzana; ARCHANJO, Neide; FELIX, Moacyr; WANDERLEY, Jorge. Entrevista Manoel de Barros. **Poesia Sempre**, Biblioteca Nacional, n. 11, p. 189-199, out. 1999.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.
- SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- SILVA, Kelcilene Grácia. **A poética de Manoel de Barros: um jeito de olhar o mundo**. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciência e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1998.
- SOTO, Pascoal. O menino que carregava água na peneira. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 nov. 2014. Prosa, p. 4.
- STERZI, Eduardo. Ignoranças que os anos não trazem mais. **Zero Hora**, Porto Alegre, 1 set. 1996. Revista ZH, p. 12.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa e transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.

VENTURA, Mauro. Minha velhice é infantil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 dez. 2006. Segundo Caderno, p. 1.

VILAS-BOAS, Sergio. A Arte do perfil. In: VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis**: o Mundo dos Outros/22 Personagens e 1 Ensaio. 3. ed. Barueri: Manole, 2014. p. 271-287.

ZAPPA, Regina. Coisas do pantaneiro gentil. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 ago. 1998. Caderno B, p. 1.

Manoel de Barros: journalistic inventory and imaginary

Abstract

This article explores the use of inventory in research on the presence and relationship of the poet Manoel de Barros (1916-2014) with the print media. The compiled archive includes 1,848 media records published between 1928 and 2024 by 126 newspapers and magazines, with a notable concentration in outlets from Rio de Janeiro and São Paulo. Based on the complex method, the archive gathered scattered traces, updated the cultural criticism of the writer, made it possible to assess the evolution of the poet's imaginary in the media, preserved memory-related information, and encouraged new approaches to describe and understand Manoel de Barros. The inventory proved to be an effective tool for carrying out the study and offers valuable support for biographical research and other investigations concerning Manoel de Barros.

Keywords

Manoel de Barros; inventory; journalism; imaginary; biography

Declaração de autoria e responsabilidade

Concepção e elaboração do estudo: Gustavo de Castro da Silva, Guilherme Mazui Roesler

Coleta de dados: Gustavo de Castro da Silva, Guilherme Mazui Roesler

Análise e interpretação de dados: Gustavo de Castro da Silva, Guilherme Mazui Roesler

Redação: Gustavo de Castro da Silva, Guilherme Mazui Roesler

Revisão crítica do manuscrito: Gustavo de Castro da Silva, Guilherme Mazui Roesler

Autoria para correspondência

Gustavo Castro Silva

gustavocastroesilva@gmail.com

Como citar

SILVA, Gustavo Castro; ROESLER, Guilherme Mazui. Manoel de Barros: inventário jornalístico e imaginário. **Intexto**, Porto Alegre, n. 58, e-148739, 2026. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583.58.148739>

Recebido: 13/07/2025

Aceito: 13/02/2026

Copyright (c) 2026 Gustavo Castro Silva, Guilherme Mazui Roesler. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

